

SÃO FRANCISCO E OS LEPROSOS: “Fiz misericórdia com eles”. E NÓS?



“Foi assim que o Senhor concedeu a mim, Frei Francisco, começar a fazer penitência: como eu estivesse em pecado, parecia-me sobremaneira amargo ver leprosos. E o Senhor me conduziu entre eles, e fiz misericórdia com eles. E afastando-me deles, aquilo que me parecia amargo se me converteu em doçura da alma e do corpo; e, depois demorei só um pouco e saí do mundo” (Testamento de São Francisco 1-4).

Com esse relato em seu testamento, São Francisco comunica a grande mudança que os leprosos proporcionaram em sua vida. “Estar em pecado” para ele era olhar os leprosos com os olhos da sociedade de seu tempo: mortos para a convivência social, pois estavam acometidos por uma doença incurável e contagiosa. Enfermidade terrível que ia apodrecendo a carne, desfigurando a pessoa, deixando-a mal cheirosa. Eles não eram vistos mais como seres humanos, mas como a escória da humanidade. Por isso, para o jovem Francisco era amargo demais ver e se aproximar dos leprosos.

São Francisco reconhece que foi a força divina do Senhor que o conduziu entre os leprosos. Certamente ele vivenciou grande luta no seu interior. De um lado a força do nojo que o afastava dos leprosos, de outro, a força divina que o empurrava entre eles. O impulso divino venceu e ele temeroso caminhou na direção dos leprosos e “fez misericórdia com eles”: começou a servi-los cuidando de suas feridas com coração afável e generoso. No encontro pessoal e solidário com leprosos, o jovem de Assis, muda a visão que tem deles. Ele não os vê mais como gente desfigurada, contagiosa, mal cheirosa, mas com os olhos da fé, a saber, como pessoas, como filhos e filhas de Deus e, por isso, merecedoras de afeto e cuidado. No rosto deles, o pobrezinho de Deus, contempla a face de Jesus Cristo pobre e crucificado.

Francisco no serviço abnegado aos leprosos, movido pela força divina, descobriu que eles prolongavam a paixão de Jesus Cristo, pois sofriam a dor da exclusão social e familiar, de não serem considerados gente, da doença incurável que os desfigurava. Ao contemplar o sofrimento deles, o santo contemplava o sofrimento de Cristo condenado injustamente, nu, abandonado, desfigurado na cruz. Depois dessa experiência, Francisco não conseguia mais desvincular os leprosos de Jesus e o Filho de Deus dos leprosos. Ele entendeu que a pior lepra é a da exclusão, do preconceito, da falta de solidariedade.. A partir desse esclarecimento dá para entender porque São Francisco ao fazer misericórdia com leprosos sentiu doçura na alma e no corpo. O que era doce se tornou amargo, o seu viver no pecado em relação aos leprosos.

A sociedade de hoje nos leva a uma vida de pecado como a de Francisco de Assis em relação aos leprosos de nosso tempo: moradores de rua; enfermos de HIV; tóxicos dependentes; pessoas com demência; pessoas que vivem em situação extrema de vulnerabilidade social entre as quais estão crianças, mulheres, idosos. A maioria não os vê com olhar de Deus, mas com as vistas contaminadas pelo preconceito presente na sociedade. Geralmente grande parte dos concidadãos os culpa por estarem na situação de excluídos e os descarta, os criminalizam, os culpam, os condena, os marginalizam e os distancia. Torna-se amargo vê-los ou se aproximar deles. A prudência da mentalidade vigente na sociedade recomenda manter distância dessa gente perigosa. Esse é o pecado que muitos cristãos vivem e que cada um de nós pode cometê-lo.

A saída desse pecado praticado por nós está em deixar-nos conduzir pela força do Senhor e colocar-nos a serviço deles com coração solidário do jeito de São Francisco. Desse modo, seremos purificados dos ares venenosos da mentalidade pecaminosa da sociedade e, ao mesmo tempo, arejados pela brisa suave que se origina do cuidado de Cristo presente neles que suplica a realização plena de seus direitos humanos fundamentais. É nessa relação de cuidado com os leprosos de hoje, em nome e por causa de nossa fé, que encontraremos, como Francisco, a doçura da alma e do corpo.

A igreja oportuniza as mais variadas formas de ser solidário com os leprosos de nosso tempo através das Pastorais Sociais; da Caritas; das entidades assistenciais administradas principalmente pelos religiosos e pelas religiosas. Além disso, há muitas organizações não governamentais que estão a serviço dos leprosos de nosso tempo. Espaço para ser solidário de coração não falta. . .

(Frei Flávio Guerra, ofm.)